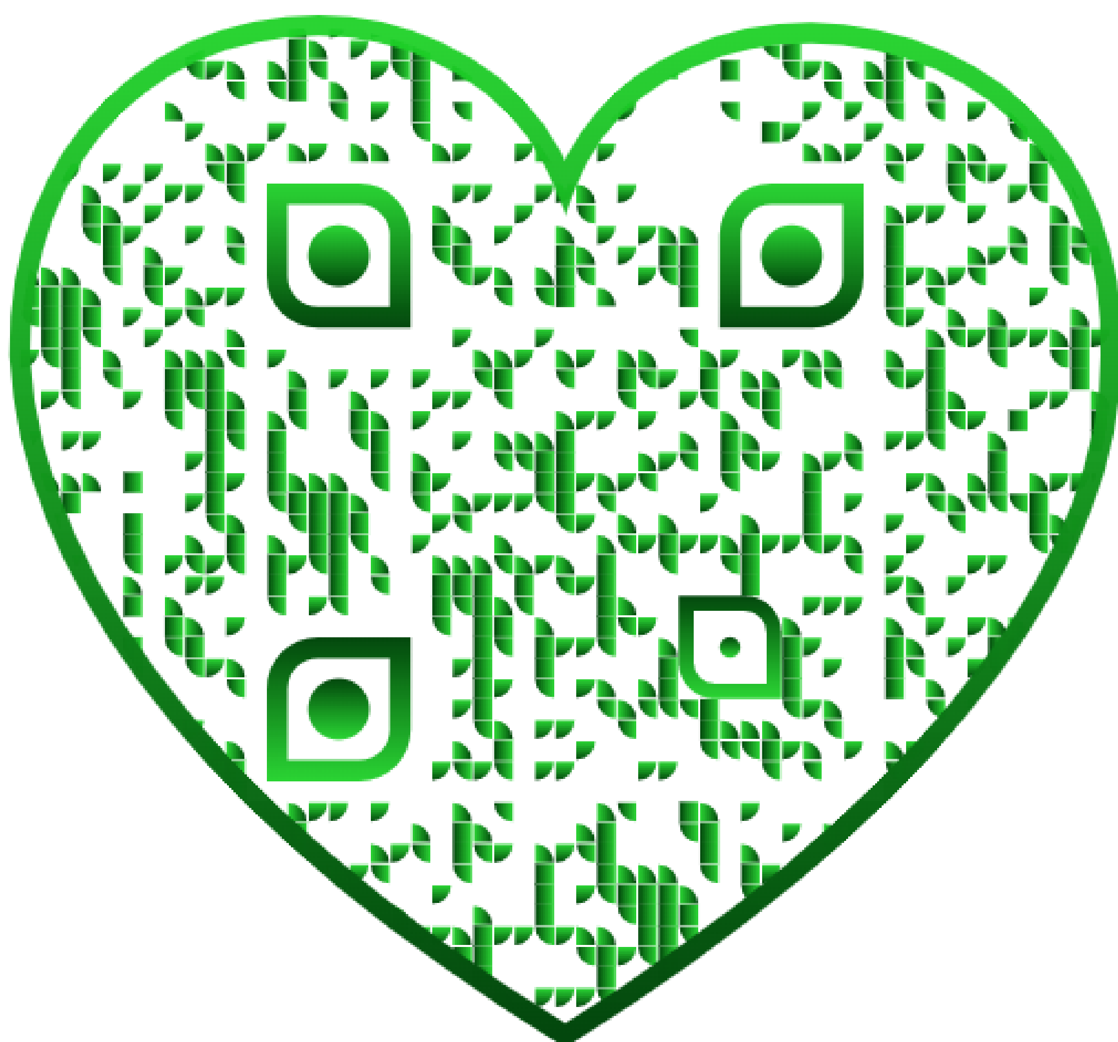
Amor&Livros Digital

Manoel F. do Amaral

As Novas Aventuras do Osvandir

Osvandir e Ary Fostter? Uma sátira ao bruxinho Harry Potter... e muito mais aventuras inéditas!



AS AVENTURAS DO OSVANDIR

©2009 – Copyright by Manoel F. do Amaral

Os direitos de todos os textos, contido neste livro eletrônico são reservados a seu autor, e estão registrados e protegidos pela Lei de Direitos Autorais nº 9.610, de 19.02.98, do Governo Federal Brasileiro.

Nenhuma parte deste livro eletrônico pode ser isoladamente copiada, reproduzida ou armazenada em qualquer meio ou utilizada para qualquer fim.

Ficha Catalográfica:

Amaral, Manoel Ferreira do, As Aventuras do Osvandir,
Divinópolis, JMDigital, 2009
154 p.

1.Literatura brasileira - Contos. I.Título.

Registgro EDA – BN **454.691** - CDD Nº 869.932

Publicações Amor & Livros Digital
www.amorelivros.justtech.com.br

OSVANDIR & ARY FOSTTER

(Uma sátira à obra de J.K. Rowling)

Capítulo I

A CHEGADA

"As diferenças de costumes e língua não significam nada se os nossos objetivos forem os mesmos e os nossos corações forem receptivos." – Harry Potter e o cálice de fogo.

Largando o mundo dos dragões, fênix e hipogrifos, Ary Fostter, com sua vassoura mágica, veio voando até encontrar um buraco negro onde viajou, cercado pela escuridão, por um atalho do espaço-tempo.

Nesse meio tempo, aviões, helicópteros, circundavam o espaço e navios negros sondavam o litoral brasileiro, nas proximidades do Rio de Janeiro.

Alguma coisa não estava bem no espaço, diziam as pessoas. Um tremor forte foi sentido no Norte de Minas. Um barulho ensurdecedor foi ouvido no Triângulo Mineiro. E uma espécie de furacão afunilado fez sentir-se no Centro-Oeste do Estado.

O que seria? Prenúncios de 2012? Planeta X? Nebiru? Calendário Maia? Fim do Mundo?

Nada disso! Apenas um bruxinho meio desajeitado, que caíra dos céus. Sem saber o que se passava e achando tudo meio estranho, foi para os lados de uma cidade muito grande para seus cálculos.

Não via seus amiguinhos , nem aqueles velhos casarões e nem a estação King's Cross, muito menos o Expresso de Hogwarts.

Tudo estava mudado, não via nem mesmo a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, seus amigos, nem o guardião das chaves, o Diretor da Escola, ou a belíssima apanhadora do time da Corvinal, muito menos o seu padrinho e amigo precioso.

Tudo tinha sumido num piscar de olhos. Pegou sua mochila, verificou a comida, apenas um pedaço de pão velho e um queijo já com mofo.

Viajara por muito tempo e nem sentira, estava um pouco envelhecido.

Lembrava das peripécias com seus amigos onde enfrentavam preconceito, depressão, ódio, sacrifício, pobreza, morte.

Sem saber por que lembrou da morte de seus pais, quando ainda era muito pequeno. A eterna luta do bem contra o mal.

Um barulho no meio do mato, não era um dragão, apenas um pequeno animalzinho da floresta que não soube identificar o que era.

Parecia um pequeno porco do mato, marrom, estava na beira do córrego alimentando-se de capim, com quatro filhotes, que saíram em debandada quando se aproximou.

Montou em sua vassoura mágica, deu os sinais de partida, nada! Alguma coisa estava errada! A vassoura não obedecia aos seus comandos. Tentou a varinha mágica numa moita e nada, também não funcionou. Recitou algumas palavras secretas e nenhum efeito prático.

Pensou: “estou num local fantástico, onde meus poderes e meus objetos não funcionam, só pode ser coisa do Senhor das Trevas, o meu maior inimigo”.

Ele não sabia que o seu maior inimigo, no momento, era o tempo!

Continuou caminhando por uma estrada asfaltada. Muito comprida, não acabava mais. Até que chegou as ruas da cidade. Leu uma placa na parede de uma casa, lá estava escrito “Rua Governador Magalhães Pinto”, era apenas um nome qualquer e ele ali sem saber traduzir a mensagem daquela placa.

Viu uma ponte, muito grande, mas não era como as da sua terra natal, que na maioria eram muito melhor elaborada, algumas de ferro. Encontrou uns trilhos e lembrou do Expresso de Hogwarts.

Por sobre esta ponte uns veículos velozes corriam por todo lado.

Ficou maravilhado. Corriam mais que sua vassoura mágica!

Ninguém notara a sua presença. O povo andava às pressas, parecendo que tinham compromissos urgentes.

Encontrou algumas construções diferentes, casas enormes, ruas largas e bem traçadas. Sua cidade tinha muitas construções antigas. Nunca vira nada igual em sua terra. Cidade muito bonita e parecia ter sido construída recentemente.

Viu uma espécie de templo, nada comparado com aos que conhecia. Duas torres bem planejadas, com muitas pinturas no interior. Ao lado um casarão, com uma placa escrita numa linguagem secreta que não conhecia, uma palavra destacava-se: MUSEU.

Osvandir vinha rastreando a descida de um objeto diferente, não era metálico, mas dava para sentir um calor especial naquele corpo que desceu do espaço.

Não sabia onde caíra, mas estava à procura a mais de meia hora.

Recebeu por celular, um aviso que uma pessoa completamente estranha estava circulando na Praça da Catedral. Muitos o poderiam considerar como mais um *street people,* devido às roupas de frio que vestia, em pleno verão.

Não pensou duas vezes, saiu ao encontro deste enigma atemporal.

Atravessou a ponte Padre Libério, subiu uma rua e foi parar exatamente na Praça da Catedral. Não precisou olhar muito. Alguém estava tentando comprar um sorvete num carrinho. O vendedor não queria entregar-lhe, sem ver o seu dinheiro. Queria comer, seu estômago estava roncando.

Osvandir chegou de mansinho, bateu nas suas costas, pagou o sorvete e entregou-lhe.

Ary devorou-o, meio gelado, mas que dava para enganar o estômago.

O jeito foi colocá-lo no carro e levá-lo para longe da curiosidade da população.

A comunicação entre os dois era muito difícil porque ele falava inglês e Osvandir sentia dificuldade em entendê-lo.

Uma palavra aqui, outra acolá e ele ficou sabendo que **comida** seria *bread, food ou meal*. Osvandir entendia um pouco de sua língua, mas conversação era mais difícil.

Ele acenou que estava com fome, barriga roncando, queria água.

No hotel, foi providenciado para que ele tivesse do bom e do melhor.

Algumas coisas ele rejeitou, não comeu o que não conhecia. Adorou o frango, churrasco e outras carnes. Comeu uma maçã e outras frutas.

Enquanto Osvandir estava passando uma mensagem para seus amigos do Grupo OFOBIA, Ary chegou por perto e ficou observando o computador. Uma versão mais nova dos equipamentos que conhecia.

Pegou o teclado e foi logo digitando algumas palavras: Street. Osvandir digitou: rua.

Os dois encontraram uma boa maneira de se comunicarem de agora em diante. Mas algumas palavras não tinham tradução.

Capítulo II

ARY E SEU TESOURO

"Porque onde estiver o vosso tesouro,
aí estará também o vosso coração."
Harry Potter e as Relíquias da Morte

Tinha numa bolsa de tecido de linho grosseiro, um tesouro: 100 Galeões, moedas de ouro; 80 Sicles, de prata; 10 Niem, de bronze, algumas Ary ganhou no prêmio do torneio Quadribol, realizado nas vésperas de sua partida. Este esporte é muito admirado pelos jovens da terra de ARY .

Osvandir deu uma chegadinha com Ary até a casa de seu tio para a primeira troca de roupas.

Algumas serviram como uma luva, outras achou muito apertadas. Jogou a sua sandália de couro debaixo da cama e passou a mão num big tênis, todo colorido, fabricado na cidade de Nova Serrana. Experimentou, um pouco grande; puxou o cadarço, este se ajustou ao seu pé. Uma camisa xadrez foi a que mais gostou. Era de um algodão leve. Quis levar um blusão de couro, da Argentina, mas estava fazendo muito calor. Pegou uma calça jeans de marca muito conhecida em sua terra, achou uma maravilha, ajustou perfeitamente ao seu corpo. Conferiu aqueles bolsos fundos e passou a mão sobre os rasgados e remendos próprios da confecção e adorou.

Voltaram para o Hotel JKR, ali no centro onde estava hospedado. O carro seguia normalmente e ele não cansava de escutar as música e ver os vídeos no mini DVD.

Ao chegarem ao hotel o Proprietário, todo solícito, estava à espera para contar as últimas novidades. Ele havia contatado o Banco, para conseguir um Cartão Meca-Gard Ouro, sem limites de crédito. Confiando no Osvandir, é claro!

Mas a chegarem ao banco notaram certo alvoroço. O Gerente estava esperando-os e disse-lhes que dois bandidos mascarados acabavam de levar alguns milhões de um Senhor que ia fazer um depósito para sua empresa.

Conversando com Ary, Osvandir pediu-lhe que mostrasse as moedas de ouro (galeões) para o especialista avaliar.

Se fosse pelo peso, cada moeda pesou 25 gramas o que equivaleria a R$1.320,00 cada uma, ou seja, a um preço de R$53,00 por grama, em preço atual. Mas devido ao valor histórico o preço subiu astronomicamente.

O problema crucial para o banco é que não encontraram no seu catálogo nenhuma referência para aquele tipo de moeda. Foi chamado um experiente ourives para medir o grau de pureza. Este ficou maravilhado com a moeda que apresentava 99,0% de puro ouro.

As moedas de prata, também eram muito puras. A prata tinha um preço de mercado a uma base de R$2,00 o grama. Mas também estas pareciam diferentes e o valor histórico fez com que o seu preço ficasse nas alturas.

O Gerente do Banco Itaufos, já um pouco vermelho de tanta emoção, louco para por as mãos naquele ouro todo, cerca de 100 moedas, foi logo liberando a conta especial, com vários cartões de crédito Meca-Gard Ouro, inclusive um internacional, outro para viagens aéreas e aquelas baboseiras como canetinhas de brinde, chaveiros, agenda, bolsa de legítimo couro de jacaré do Pantanal, criação exclusiva para aquela entidade.

Com os cartões de crédito em mãos, Osvandir levou Ary para um passeio pelos shoppings da cidade.

Tudo que via de diferente, queria pegar, experimentar, cheirar. Aquele jovem, com cara de inglês, meio avermelhado e com algumas sardas no rosto era muito inteligente.

Quando viu a escada rolante, ficou com medo de subir, achou-a um pouco diferente das que conhecia.

Numa grande loja com nome em letras bem vermelhas, fez a sua primeira compra: um livro. Adivinhem o título: O sétimo e último nosso conhecido, denominado Harry Potter and the Deathly Hallows, (Harry Potter e as Relíquias da Morte).

Leu algumas páginas, sacudiu a cabeça, parece que entendeu pouco. Fechou o livro e colocou naquela bolsa de couro que ganhou (ou que pagou) daquele banco.

Tentou pedir ao Osvandir alguma explicação, mas sem computador na mão ficou difícil a conversação.

Comprou outras coisas como colares de ouro puro, medalhões e ficou encantado com algumas malas, acabou comprando três, de tamanhos variados.

Convidado a comer alguma coisa, adorou a batatinha frita e alguns tipos de carne. Bebeu guaraná, depois um bom vinho do Sul do país.

Retornando ao Hotel JKR tirou uma boa soneca, sonhou coisas terríveis, com aqueles monstros, da sua Escola de Magia. Acordou duas horas depois, tomou um bom banho e encontrou Osvandir ali no Net Book, pequeno objeto de desejo de muitos jovens.

No outro dia, a grande viagem para São Paulo.

Capítulo III

A VIAGEM

"*Você vai encontrar muitos inimigos em seu caminho,*
mas também vai encontrar amigos,
poucos, mais verdadeiros."

Harry Potter

Tudo estava preparado para a grande viagem a maior cidade brasileira. Ary iria conhecer um grande centro urbano, mas também apreciar as matas, córregos, rios e tudo de bom que oferecia a nossa natureza. Seguiriam para a capital de Minas Gerais, Belo Horizonte, onde de avião chegariam rápido a São Paulo. Mas na última hora resolveram ir de carro, para parar quando fosse preciso, atendendo as prioridades do visitante.

A distância bem longa, cerca de 500 km, umas seis horas de viagem, rodando devagar para apreciação das paisagens, uma exigência do ilustre passageiro.

O roteiro bem planejado, com paradas nas principais cidades apenas para tomar um cafezinho ou uma leve refeição.Deveriam passar por Carmo da Mata, Oliveira, Lavras, com parada estratégica em Varginha para almoço. Nesta cidade foi passada ao nosso herói a famosa história do ET, difícil foi explicar-lhe o que seria um Extra Terrestre como este, de saliências na cabeça e de cor marrom.

Outra parada em Pouso Alegre, ainda em Minas, para um cafezinho rápido e observação da paisagem.Finalmente, depois de mais de seis horas de viagem, ver carros e mais carros na estrada. Acidentes por todo lado, foi interrogado pelo Ary:

__ O que são estas latarias velhas na beira da estrada?

__ São resultado da imprudência, meu caro! O motorista quer passar um dia na praia e acaba passando o resto da vida no cemitério.

O assunto estava ficando fúnebre, então uma música para animar o ambiente. O DVD foi ligado e muitas imagens e emoções foram passadas para aquele jovem ávido de informações sobre o nosso povo.

Aproximando da grande cidade, o movimento aumentando mais ainda. O hotel escolhido foi bem no centro da capital. A ideia era visitar os pontos principais, algumas atrações turísticas. Chegar na Avenida Paulista numa sexta-feira, de manhã, aquele movimento todo. Barracas por todo lado. Turistas comprando tudo que encontravam pela frente. Um espetáculo que nenhum visitante poderia perder.

Acomodados num bom hotel, que curiosamente estavam dando um desconto de cinqüenta por cento para quem ficasse hospedado por mais de três dias.

Lá do alto do edifício, Ary e Osvandir olhavam a paisagem e o primeiro ficava extasiado com tantas construções e o movimento nas ruas. Chegou até a comentar sobre o assunto, mas logo esqueceram, pois o garçom avisara que estava na hora do almoço.

A dificuldade maior de sair com ARY era que ele queria comprar muitas coisas, sem saber preços nem nada. Ia só pegando e Osvandir pagando com o Meca-Gard de Ouro. No fim das contas, no hotel já tinham uma mala cheia só de compras. As jóias eram as preferidas, depois cinturões de couro, sapatos, tênis, camisas, calças e até um blusão muito moderno, com escudo e tudo mais. Comprou algumas roupas de mulher, dizendo que eram para a sua amiga. Como ele iria levar isto tudo para casa já era outra história.

Estava separando tudo de acordo com seus principais amigos. Ele disse que achava muito prática as sacolas de plástico, que lá no seu pais eles usam mais as de papel, Osvandir que tinha verdadeira aversão ao produto, explicou-lhe que a origem da maior parte da poluição da terra e das

águas do Brasil, estava nestas inocentes sacolas de supermercado.

Visitaram museus, livrarias, foram ao teatro, cinema e até divertiram muito num grande parque. Queria entrar em todos os brinquedos, até no trem fantasma. A montanha russa assustou-o um pouco. Levou um grande choque na hora em que estavam fazendo o *loop.*

Quando estavam saindo pela última vez, daquele centro tumultuado, perto da Praça da Sé, sentiu pela primeira vez o efeito de um “arrastão”, os bandidos levaram quase tudo que eles tinham comprado. Ary e Osvandir tentaram reagir, mas foram avisados por outras pessoas que não se deve fazer nada porque aqueles bandidos estão sempre bem armados. Osvandir não compactuava com estes pensamentos, mas não falou nada. Saíram dali o quanto antes.

Com a sua estadia ao fim, Osvandir procurou pagar as contas do hotel. Recebeu um livreto-guia com todos os locais mais importantes de São Paulo. Ele achou engraçado, não deveriam dar este folheto na chegada do hóspede?

De carro, ainda, seguiram para o Rio de Janeiro.

Capítulo IV

MULHERES NA PRAIA

"Para uma mente bem estruturada,
a morte é apenas uma aventura seguinte."

Harry Potter e as Relíquias da Morte

No Rio de Janeiro procuraram um hotel beira-mar, muito conhecido pela sua história, desde 1923. Queriam estar próximos da Praia de Copacabana. Era a intenção de Osvandir mostrar ao Ary apenas as belezas daquela cidade maravilhosa.

Ao ver aquelas águas azuis, as ondas, a areia da praia, as lindas moças de biquíni, Ary ficou muito excitado.

__Aqui no Brasil, os jovens vão a tais lugares para “pegar uma cor”, namorar, beber e gastar. -- Disse Osvandir, quando estavam chegando a praia.
__ Sei muito bem disso! Já li nas revistas de vocês.-- Respondeu Ary.

Pediu uma água de coco ao vendedor, uma mesa e uma sombrinha de praia foram providenciadas. O local estava totalmente loteado pelos ambulantes. Tudo ali era alugado, até óculos escuros.

Uma garota passou, olhou, sorriu e o nosso amigo derreteu-se como um sorvete. Aquela pele dele não era boa para resistir ao sol intenso, razão pela qual, quando estava aproximando das dez horas voltaram para o hotel.

O roteiro da parte da tarde seria uma visita ao Cristo Redentor e ao Pão de Açúcar. Seria... Mal atravessaram uma avenida, num sinal de trânsito foram vítimas de seqüestro relâmpago.

Osvandir mais calmo com a situação, já conhecia o ambiente. Ary nem sabia o que estava acontecendo. Foi necessário explicar-lhe a situação:

__ Aqui eles pegam a gente e o carro e levam para outro local, com a finalidade de pegar os seus pertences.
Ary só ouviu e resmungou:

__ Huuummm...

Os bandidos estavam interessados no veículo e seus equipamentos. Os passageiros foram deixados, a pé, num local ermo.

Osvandir chamou um táxi, voltaram ao hotel para refazerem-se do susto! Osvandir avisou a locadora do veículo, que lhe informou para não preocupar-se ele estava equipado com chip para fins de localização por GPS, via satélite. Tudo estava no seguro.

Ao ouvir estas palavras solicitou-lhes que emitissem a fatura, porque dali para frente iriam de avião devido as longas distância e o tempo curto.

Ao chegar ao quarto, Ary estava separando presentes e marcando num papel os respectivos donos.

Perguntou-lhe se estava com disposição para ver alguma coisa no final da tarde e ele disse que não. Preferia ir jantar em algum lugar ali por perto onde pudessem ir a pé.

O jantar decorreu tudo em ordem, não fosse um pequeno deslize de Osvandir que comeu uma moqueca de camarão que acabou estragando-lhe os intestinos.

Na manhã seguinte saíram cedo rumo ao aeroporto do Galeão, o mais apropriado para o voo que estavam pretendendo.

As passagens haviam sido reservadas com antecedência, mas estava tudo atrasado, como sempre.

Era muito difícil explicar-lhe como chegariam a Belém, no Pará.

Sendo o Brasil o quinto país do mundo em extensão territorial, do tamanho de continente, seria uma coisa praticamente impossível viajar de carro.

__ Temos aproximadamente 170 milhões de habitantes. -- Disse-lhe Osvandir.

Iriam viajar de avião devido a grande distância a ser percorrida. Quando Ary viu o avião na pista, ficou receoso de entrar no túnel de passageiros. Parece que ele sentia algum presságio. Ficou inquieto.

Já no avião, ficava olhando pela janela. As nuvens branquinhas iam passando aos nossos olhos. Sentia saudade de seus amigos.

Uma escuridão tomou conta, de repente, de todo espaço. Um grande temporal vinha do lado norte. O avião começou a balançar, subir e descer. Até o Osvandir foi ficando receoso. O nosso herói já estava com o coração nas mãos.

A aeromoça avisou que devido a tempestade não iriam prosseguir, retornariam e tentariam pousar em Salvador.

Graças aos deuses tudo deu certo e o avião pode deslizar suavemente nas pistas do aeroporto Luis Eduardo Magalhães, anteriormente conhecido por “Dois de Julho”.

Um táxi foi fretado para levá-los ao hotel do centro de Salvador.

Ao descerem do veículo, Ary ficou espantado com tanta gente de cor negra e aquele cheiro de azeite de dendê em todas as barracas de ambulantes.

As pessoas os receberam muito bem e ofereceram guias para conhecerem toda a cidade.

Capítulo V

UMA NOITE DE AMOR

"As conseqüências dos nossos atos são sempre tão complexas, tão diversas, que predizer o futuro é uma tarefa realmente difícil"

Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban.

Para quem não conhece, Salvador é a terra da música, da comida picante, belas mulatas, praias lindas, teatro, cultura. Um povo acolhedor, tratam muito bem os turistas, principalmente nas cidades litorâneas.

"Foi nesta terra, que Cabral primeiramente aportou em 22 de abril de 1500. O Monte Pascoal, o primeiro avistado, depois aquela praia linda de Santa Cruz de Cabrália que fica acima de Porto Seguro e foi onde os portugueses realizaram a primeira missa no Brasil." Dizia um panfleto distribuído por guias turísticos.

Mas eles estão em Salvador e a sua orla marítima é uma das mais extensas do país. Divididas entre cidade alta e cidade baixa, são cerca de 50 km de praias. São muito boas para mergulho, pesca submarina, natação e esporte à vela, além da prática do surfe. Tem ainda alguns locais com piscinas naturais com os tradicionais coqueiros, muito abundante na região.

Osvandir e Ary, foram direto para a praia do Cristo que fica localizada entre a praia da Barra e a praia de Ondina. Lá no alto do morro tem uma estátua do Cristo, razão pela qual ela é assim chamada.

Muita gente frequenta esta praia, mas mesmo assim é bastante tranquila. Muito bonita e serve para ver o por do sol que fica muito lindo entre os coqueiros.

É o melhor local para deliciar-se com uma boa água de coco e comer um acarajé servido na hora, bem quentinho.

Muita gente andando pela praia, o que aguçou a visão de Ary, nunca viu em sua vida tantas moças lindas, com pouca roupa, num só local, sem fazer nada, despreocupadas da vida.

Voltando da praia, resolveram ir para o ***Centro Histórico de Salvador*** e o guia explicava que “ele é um dos principais pontos turísticos do Brasil, com o maior acervo barroco fora da Europa. Está dividido em três áreas principais: da Praça Municipal ao Largo de São Francisco, Pelourinho e Largo do Carmo, finalizando com o Largo de Santo Antônio Além do Carmo”.

Na hora do almoço, foi procurado um restaurante ali por perto. Com a recomendação de que prestasse atenção à comida que geralmente é muito apimentada. Mas Ary não seguiu a orientação de Osvandir e colocou no prato tudo de vermelho que encontrou na mesa.

Quando terminaram a refeição, um delicioso sorvete de frutas foi servido de sobremesa. Outras frutas estavam expostas sobre uma longa mesa, com uma visão paradisíaca. Vários animais e pássaros estavam representados naquela fileira de abacaxis, melancias, cajus e outras frutas características da região.

Muitas frutas foram provadas por Ary e abandonadas. Algumas muito azedas ele não gostou. Os sucos ele tomou os de cores mais fortes, como o de laranja, mamão. açaí e um de acerola com leite.

Satisfeitos, seguiram para o hotel onde constaram que haviam trocado de quarto, para um melhor, com visão para o mar. Mais caro, é claro!

Quando o Gerente do Hotel descobriu que os dois tinham dinheiro para gastar e soube por terceiros de suas preferências, chamou logo duas lindas mulheres para servirem de guias, despachando o guia anterior.

Ary ficou muito feliz com aquelas mulheres a seus pés, atendendo a tudo que ele solicitava, com tradução do

Osvandir, porque elas que falavam fluentemente o inglês, não conseguiram entender quase nada do que aquele jovem falava. A sorte é que o Net Book estava ali para salvar a ambos de qualquer embaraço. Para piorar a situação tinha ainda as gírias da Bahia e aquele linguajar arrastado que só o povo de lá entende.

Para “*olá amigo*”, vejam só a quantidade de variantes que eles usam: ‘Colé, meu bródi!’

‘Colé, misera!’

‘Colé, meu peixe’

‘Colé, men!’

‘Diga aê, disgraça!’.

‘Digái, negão!’ (independente da cor do amigo)

‘E aí, viado!’ (independente da opção sexual do amigo)

‘E aê, meu rei!?

‘Ô, véi!’

Assim meu ‘bródi’, fica difícil explicar para alguém, mesmo morando aqui no Brasil, imaginem para um jovem que veio de outro país, não é fácil não.

Mas as meninas aprenderam rápido e ele também, ao final da tarde já estavam até conversando direto.

O pior (ou o melhor?) é que uma delas tinha uma leve aparência com a sua amiga do passado. Tudo complicou, ela muito solícita, pensando nas gordas gorjetas, estava sempre ao lado dele.

À noite, nuns vestidos pretos, colantes, compridos, sensuais, elas os convidaram para uma noitada num clube local, com a característica música baiana, o axé. Um importante conjunto da região ia tocar a noite inteira.

Foram e Ary gostou tanto que no final da noite já estava dançando perfeitamente como qualquer outro cidadão turista.

Chegou a hora de ir embora, mas num piscar de olhos, já estavam os dois bem agarradinhos na porta do quarto, pronto para entrar. Osvandir atrasou-se propositadamente para deixar os dois a sós. Inventou que teria de ir ao bar do hotel para tomar um vinho antes de dormir. Ficou por lá por quase uma hora. Quando chegou ao quarto o Ary já tinha despachado a garota e estava lá com aquele ar de felicidade total.

Muitas histórias ele teria para contar para seus amiguinhos, sobre tudo que viu nesta terra brasileira, nosso povo, nossos costumes, nossa língua.

Mas nem tudo são flores e o roteiro precisava ser seguido, se queria conhecer parte do país, teriam que seguir para outro estado.

As malas estavam prontas e seguiram novamente para tentar chegar até Belém, se as chuvas deixassem.

Capítulo VI

ARY FOSTTER NÃO GOSTOU!

"A verdade é uma coisa bela e terrível,
por isso deve ser tratada com grande cautela."

Harry Potter e a pedra filosofal.

Agora que Ary já estava lendo mais ou menos o português, Osvandir mostrou para ele o primeiro e o segundo capítulo de sua história no Brasil, que estava sendo publicada na internet em seu blog.

Ele leu, pediu algumas explicações ao Osvandir e disse o seguinte:

_ Vou pedir ao seu escritor que reveja os textos e sejam reformulados.

Ele escreveu a história como se eu fosse de um tempo diferente, e isso acaba sendo a linha de desenvolvimento da minha história.

__ Mas amigo, você é mesmo de uma época diferente. Estamos em 2009 e você saiu de sua terra há muito tempo, está no Brasil, um país totalmente diferente do seu.

> __ “As pessoas que não gostam de mim, não vão ler - e as que gostam vão achar que você subestimou a inteligência dos leitores.

A imagem que você tem de Ary Fostter é a mesma que a maioria das pessoas que não leu, tem. Acham que era infantil, um menino que morava na cada dos tios e era maltratado... Mas de repente ele sabe que é um Mago e vai pra uma "maravilhosa Escola de Magia". Não funciona assim, Osvandir. Ary é famoso por uma razão. E a razão se explica na profundidade da trama.”

Depois destes esclarecimentos Ary cansado e emocionado disse:

__ Viu??? Essa é a história de Ary Fostter, não aquilo que você ouve ou vê na TV. Se for continuar escrevendo sobre Ary Fostter tem de mostrar esse lado da história. Do contrário será apenas mais uma ofensa aos fãs da série, que já são contrariados demais com os filmes.

__ Vou imediatamente comunicar com o Manoel e solicitar as correções...

__ Não estou dizendo que não gostei da sua história. Mas agora que você sabe da verdade, o ângulo de sua história não muda? Desculpe se te ofendi de alguma forma, ou o desapontei. Eu realmente achei as suas histórias muito boas. Mas além do erro "temporal", a imagem de Ary Fostter está errada, e não é só na sua cabeça, e sim na cabeça de todos que não leram a série.

__ Beleza Ary, vamos corrigir tudo. Vou mandar retirar as palavras e textos que não dizem a verdade. Nem todos os nossos leitores conhecem a sua verdadeira história, foi muito bom o seu esclarecimento.

Quando olharam pela janela já estavam chegando a Belém. O tempo passou tão rápido que nem deu tempo de perceberem.

Capítulo VII

OS PERIGOS DA FLORESTA

"O que ele mais teme é o próprio medo".

Dumbledore - O Prisioneiro de Azkaban

Seria bem mais fácil usar o método dos bruxos da Escola da Magia para o transporte, como em "O Cálice de Fogo"; Ary e seus amigos estavam no alto do morro e quando colocaram as mãos naquela bota gigante (que também é conhecida como Chave de Portal) e foram parar onde estavam realizando-se o Torneio de Quadribol, mas estamos no Brasil e os poderes de nosso herói não funcionam por aqui. Então temos que usar o avião, apesar das chuvas e dos perigos de um pouso forçado.

Os dois entraram naquele moderno avião, onde cada passageiro podia ver um filme, ouvir músicas ou simplesmente dormir, se conseguisse.

O destino seria Belém, no Estado do Pará, mas... Sempre existe um mas, o tempo fechou novamente. Não havia condições de pouso depois de longas horas de voo.

Tudo escureceu, o avião balançando, as máscaras de oxigênio foram acionadas. As aeromoças dizendo que estava tudo bem, quando não estava nada bem.

Um voo rasante sobre a floresta Amazônica, muita devastação lá em baixo. Criação de gado acabando com tudo! Índios da nação Raposa do Sol ficaram preocupados. O avião ia cair... Uma fumaça preta começou a aparecer na asa direita. Alguma coisa estava funcionando mal.

Um das turbinas despencou no meio da floresta, o avião inclinou, rodou, parafusou, o piloto fez de tudo para fazer um bom pouso, queria ser herói como aquele americano, mas ali não havia campo de aviação, só mato e água existente não ofereciam condições para um pouso sem perigo para os tripulantes.

Gritaria geral. Parecia que estavam num campo de futebol em dia de decisão de campeonato. Choro por todo lado. Tudo despencando. Quando tudo parecia que ia pousar bem, o avião partiu ao meio (nada haver com Lost, aquele seriado onde ninguém entende nada) e arrastou-se por mais de cinqüenta metros.

A sorte foi que naquele voo existiam poucas pessoas, algumas cancelaram a passagem com medo da Gripe Suína (Gripe A).

Verificando os destroços, os números dos passageiros e outros detalhes, chegaram à conclusão que não havia nenhum morto. Apenas alguns com ferimentos mais graves, que foram atendidos por um médico chamado Dr. Jack, que também era passageiro.

Eram apenas 16 pessoas, incluindo o piloto e as aeromoças, todos perdidos no meio da floresta.

O Exército levou a cabo a maior operação de busca de todos os tempos, (frase linda essa) sem, no entanto, ter conseguido encontrar qualquer vestígio do avião. Os passageiros e tripulação da Cinaeco 518-BR foram oficialmente declarados mortos, de acordo com as notícias da mídia oficial.

Esta afirmação parecia ir contra aquilo que alguns blogs noticiavam dizendo que o avião tinha sido encontrado mas não existiam sobreviventes. No entanto, é possível que os acontecimentos tenham sido deturpados para desviar foco de outras notícias, como escândalos no Congresso, descoberta de grandes carregamentos de drogas, etc.

Outros afirmam que foram encontrados os sobreviventes e não os destroços do avião.

Existiam ainda os que diziam que eles tinham sido seqüestrados por uma tribo de índios desconhecida e que os destroços do avião foram habilmente camuflados por uma ramagem.

E diziam mais que pertences dos passageiros foram todos recolhidos e levados por tal tribo que chegaram como formiguinhas, carregando tudo para um local desconhecido.

Talvez existisse mesmo uma conspiração por parte dos poderosos, no sentido de falsear os acontecimentos com a intenção de desviar o foco das notícias.

Estaria aquele avião transportando alguma carga secreta? Ou tudo não passaria de obra de traficantes ricos, que não moram na favela e dirigem o tráfico em todo país?

No meio do mato os fatos eram totalmente diferentes. Os prisioneiros levados para uma ilha entre dois rios, onde os poderes de Ary, incrivelmente, começaram a funcionar. Ele sentia muita dor naquela cicatriz, em forma três pontinhos, atrás da orelhas esquerda.

Osvandir, que tem, também, três cicatrizes atrás da orelha esquerda, começou a passar mal. Os seus três pontinhos estavam entrando em ação como se fossem três chips mandando alguma informação para algum lugar. Ele sentia isso pela primeira vez, desde aquela abdução numa estrada que ia para São Paulo, quando viu um Disco Voador.

Aquela ilha era meio estranha, em sua praia dava para ver vários destroços de aviões, automóveis, caminhões, navios, lanças, canoas.

Alguns destes objetos estavam bem velhos e outros muito recentes. Existia lá um pedaço de avião onde se lia as seguintes palavras: Tam, Tam, Tam! Não deu para Osvandir entender nada.

Capítulo VIII

OS FEITIÇOS DE HARRY

"Não vale a pena mergulhar nos sonhos e esquecer de viver."

Harry Potter em O Prisioneiro de Azkaban

Lá numa cabana, Ary abriu sua mala e pegou a sua inseparável vassoura e disse uma palavra mágica "*Accio vassoura*", a vassoura partiu em sua direção.

Foi aí que ele resolveu testar as outras palavras mágicas: Pegou a varinha e apontou para si mesmo e disse: *Desilusio*, ficou completamente invisível.

Então ali tudo tinha voltado ao normal, quem sabe ele estava próximo de casa?!

Falou logo a Osvandir sobre seus poderes, os dois saíram pela ilha, mais precisamente pela praia. Muitos peixes pulando na água. Uma canoa abandonado e com parte da madeira quebrada, logo que a viu foi dizendo:

__ Praia da Canoa Quebrada, este nome não me é estranho, disse Osvandir.

__ Seria alguma praia de seu País?

__ Sei não Ary, Deve ser, é uma associação que veio à minha cabeça.

Engraçado, apesar de saberem que ali era uma ilha fluvial, dava a impressão que estavam em alto mar. Não dava para enxergar o outro lado do rio.

Resolveram adentrar na floresta a procura de uma água mais limpa para beber.

Um urso polar, branco, vinha em desabalada carreira, quando encontrou Ary e Osvandir, perto de uma grande

árvore. Os dois subiram rapidamente naquele grosso tronco, para fugir da fera.

Ary pegou a sua varinha mágica e gritou:

__ Eks-Peli-Ármus, o urso deu um pulo para trás e foi parar muito longe.

__ Que animal é esse?

__ É um urso polar. Já fui atacado por animal parecido com este. Tenho até hoje os sinais de suas garras em minhas costas.

__ Vou tentar transformá-lo num animal amigo. Apontou a varinha para aquela fera e gritou*: -- Expecto Patronum*.

Uma fumaça preta tomou conta do local, não dava para enxergar nada. Parecia que algo estava se movimentando próximo da árvore.

__ Que é isso? Assustado, gritou Osvandir.

__ É um animal amigo, da minha terra da magia, trata-se do hipogrifo, ele poderá tirar a gente daqui deste local.

__ Mas como? Ele voa? É muito grande, tem a cabeça de uma enorme águia e o corpo de cavalo, nunca vi nada igual! -- Falou espantado, Osvandir.

Desceram os dois daquela árvore e fizeram uma pequena reverência demonstrando boas intenções. O hipogrifo retribuiu a reverência, indicando que os dois poderiam aproximar-se.

Assim que caminharam em direção do fabuloso animal, um *Dementador* apareceu, surgindo no meio de uma fumaça preta e jogou Osvandir ao chão e estava tentando sugar toda a sua *felicidade*. Aquele ser maligno é representante da depressão, dos maus pensamentos e da aflição.

Ary apontou a varinha mágica para aquela figura e gritou uma palavra que não foi compreendida por Osvandir.

Aquele vampiro de alma saiu do corpo do Osvandir e sumiu na mata.

A paz voltou a reinar naquele local, encontraram a água que procuravam e levaram o hipogrifo para o acampamento, recomendando a todos que não se aproximassem do animal.

Os náufragos ficaram maravilhados com o estranho cavalo com cabeça de águia e duas possantes asas.

O Dr. Jack, líder do pessoal que caíra do avião estava tentando entrar em contato com algumas autoridades, através de um aparelho de rádio que conseguiram nos destroços de outro avião, mas só um barulho muito estranho é o que se ouvia.

Estava faltando comida, Osvandir disse para o pessoal que tinham encontrado uma fonte de água potável próximo dali, cerca de dois quilômetros.

Mediante o inusitado da situação e daquelas figuras malignas que estava aparecendo no local, Ary resolveu sair dali através do hipogrifo.

Conversou com Osvandir, perguntando o que ele achava, este concordou. Os dois montaram no animal voador e saíram, primeiro em voo rasante, para ver se ele agüentava os dois rapazes.

Como a ave voou normalmente, resolveram despedir do pessoal e dizer que iriam mandar socorro quando chegassem numa cidade qualquer.

Assim foi dito e cumprido. Quando Ary e Osvandir encontraram a primeira cidade, desceram, esconderam o animal numa toca e dirigiram a Delegacia da cidade, notificaram ao Delegado e pediu que avisasse ao Prefeito e demais autoridades sobre o desaparecimento do avião 518.

Ninguém acreditou neles, achavam que estavam querendo publicidade.

Retornaram ao local onde tinham escondido o hipogrifo não o encontraram. O que teria acontecido?

Capítulo IX

A DESPEDIDA

“Todos temos luz e trevas dentro de nós.
O que nos define é o lado com o qual escolhemos agir.”
Harry Potter e a Ordem da Fênix

Com a mala na mão, de novo perdidos no meio do mato, procuraram uma estrada naquele local que tinha muita água. Deram sorte, avistaram uma rodovia asfaltada.

O primeiro carro que apareceu Osvandir pediu carona. Era uma linda mulher, que parou o carro no mesmo instante. Desconfiada, pensando ser assaltante, ela arrancou da cintura um 38, apontou para Ary e foi logo perguntando:

__ O que vocês querem?

__ Estamos procurando uma cidade qualquer, ficamos perdidos aqui no meio desta floresta, disse Osvandir.

__ Entrem, mas se tentarem qualquer coisa, podem se dar mal. Sou Delegada de uma cidadezinha aqui por perto e estou indo para Belém.

__ Está bem Doutora Delegada, não vamos tentar nada, só queremos chegar até onde você vai e tudo bem.

Osvandir deu graças à Deus de ter encontrado aquela mulher ali numa estrada de tão pouco movimento.

Acomodados num hotel em Belém, Ary e Osvandir procuraram descansar. Depois de um bom tempo, tomaram banho e desceram para almoçar.

A sugestão do dia era *Tacacá,* uma comida regional muito diferente, preparada com o tucupi (caldo da mandioca, previamente fervido com alho e chicória), goma (mingau feito

com uma massa fina e branca, resultado da lavagem da mandioca ralada) e jambu (planta considerada afrodisíaca). É um prato originário dos índios.

Tinha arroz, feijão de vários tipos, bife a cavalo (com um ovo frito em cima), batata frita, frango ao molho pardo, peixe frito e ao molho. Uma infinidade de comida diferente das que estavam acostumados no dia a dia.

Osvandir preferiu ficar com o tradicional mesmo, comeu alguma salada, depois um pouco de feijão, arroz e peixe frito.

Já Ary, experimentou alguma coisa diferente do que conhecia e até gostou do Tacacá.

Depois do almoço, uma breve passada pelo “Ver-o-Peso” para algumas compras de pequenos presentes, a seguir, uma caminhada pelo centro, à tarde preferiram andar de barco.

No outro dia Ary resolveu não ir para o Pantanal, depois que ficou sabendo por algumas pessoas que lá também tinha muita água.

Arrumou as suas malas e resolveu partir. Ir para sua terra. Como se daria isso não sabiam.

O sinal de Ary começou a sangrar e o implante atrás da orelha esquerda de Osvandir também começou a incomodar. Um magnetismo forte começou a pairar no ar.

Ary testou a vassoura e não obteve nenhum resultado.

Osvandir procurou pelo Gerente do hotel e perguntou sobre os esportes radicais nas proximidades de Belém e ele informou que um pessoal trabalhava com balões.

Ligaram e marcaram um encontro para um voo livre sobre um determinado local.

Osvandir explicou para Ary o que pretendia fazer: levá-lo até uma certa altura de balão, onde ele poderia desfrutar por alguns minutos da paisagem, depois pela sua vassoura mágica tentaria decolar, levando alguma de sua compras. Se tudo desse certo, ele poderia voltar para casa e Osvandir

poderia sentir a emoção de voar e ainda olhar a linda paisagem do local.

Entraram logo no balão e seguiram para o mais alto possível. Parece que o tempo estava ajudando, uns raios fortes estavam descendo sem no entanto atingir o balão. Um rodamoinho começou a formar-se, Osvandir disse:

__ É agora ou nunca!

E ele saiu voando em sua vassoura penetrou nas nuvens escuras e sumiu.

O chefe da equipe do balão ficou impressionado, engoliu um seco ar das alturas e disse:

__ Mas como ele fez isso?

__ Ele é um bruxo, tem poderes mágicos.

__ Só vi isso no cinema! Se contar para meus amigos nunca vão acreditar.

Osvandir desceu do balão, voltou para o hotel e de lá foi para o Aeroporto Internacional de Belém, de onde partiu para sua casa.

Passado alguns dias, uma linda coruja branca pousou no quintal da casa do Osvandir, com alguma coisa amarrada nas patinhas.

Era uma mensagem que dizia em código:

"3´ PO551V3L 3NCONTR4R 4 F3L1C1D4D3 M35MO N45 HOR45 M415 SOMBR145, 53 L3MBR4R D3 4C3ND3R 4 LUZ."

4RY FOSTT3R

***

Se você gostou desses trechos, pense em adquirir o livro completo:

AS NOVAS AVENTURAS DO OSVANDIR
http://amorelivros.justtech.com.br/index.php?cPath=123_137

SOBRE O AUTOR:

Manoel Amaral Nasceu no Povoado do Campo Alegre, em São Gonçalo do Pará-MG, em 09 janeiro de 1944. Casado com Terezinha Cleusa Maia Amaral, tem quatro filhos.

Cursou Direito de 1973 a 1977 e fiz Pós-Graduação em Direito Público em 1996/1997 na Faculdade de Direito Oeste de Minas (atual Pitágoras).

Em seis meses concluiu um Curso de extensão em Educação Município e Cidadania, à distância, na Universidade de Brasília.

Membro do Núcleo de Estudos de História de Divinópolis e da Região, da Academia Divinopolitana de Letras, desde 2003.

Em 2010 encaminhou requerimento para ingresso nas Academias de Letras de Divinópolis e de São Gonçalo do Pará. Foi aceito em ambas, sendo Vice-Presidente da segunda.

Obras Publicadas:

Impressa: Depois de quatro anos de pesquisas entregou ao povo a **"**História de São Gonçalo do Pará, À Beira do Rio Pará," em 2003.

E-books: Escreveu quatro livros digitais de Crônicas e Contos**: "**As Aventuras do Osvandir", "O Dia em que a Internet Acabou", "Osvandir e a Lua Nova" e "Osvandir no Ceará" em parceria com Subtenente Marcelo Moura, de Fortaleza-Ce.

CRIAÇÃO EM SÉRIE: O Blog do Osvandir foi um dos primeiros do Brasil a criar uma história seriada, onde participaram autores de vários estados do País.

Vários Artigos, Contos e Crônicas estão Publicados no Recanto das Letras, Texto Livre**,** Blog em Portugal**,** Diário do Poste, Rede da Cultura, e outros jornais já extintos**.**

Atividade Cultural: Está sempre ligado a lançamentos de livros, palestras sobre cultura, Teatro e acompanho mensalmente a Noite da Poesia e o Sarau da Confraria Cultural Brasil/Portugal**.**

Congressos e outros eventos: Participa de vários eventos ligados à cultura em Itaúna, São Gonçalo do Pará e Divinópolis.

É Filiado a Rede do Diário do Poste, Rede de Cultura de Divinópolis. Texto Livre e Recanto das Letras. Participo do Grupo de Ufologia UFOVIA, de Itaúna.

SITES E BLOGS onde escreve: Blog do Osvandir no Brasil e Portugal. Rede de Cultura de Divinópolis e Diário do Poste.

Prestigie os autores brasileiros de romance e literatura fantástica!
Comente, depois que ler, faça sugestões, discuta e indique!
Envie emails para os autores, dando opiniões e sugestões, fale dele no seu site e blog, incentive os autores desconhecidos ou iniciantes. Assim você estará contribuindo para tornar a literatura brasileira de fantasia cada vez melhor, com maior variedade de títulos e autores.

Se você gostar de escrever, e quiser publicar conosco, entre em contato.
Publicamos seu e-book, incluindo a capa e a revisão. As vendas são feitas através do site ou diretamente com o autor. Contate-nos:

jossiborges@gmail.com

Amor & Livros Digital
www.amorelivros.justtech.com.br